

# NOTÍCIAS CNTV/

VIGILANTES



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS VIGILANTES 08/Mar

cntv@cntv.org.br | (61) 3321-6143 | www.cntv.org.br | Edição 2926/2023



## DIA INTERNACIONAL DA MULHER!

# 8 de Março

*Neste 08 de março,  
temos muito que lutar.*

*Que orgulho sentimos ao ver  
como as mulheres do nosso Brasil  
estão sedentas por avançar nas suas lutas  
por uma condição básica,  
respeito, dignidade e cidadania,  
que encerram todo um caminho  
para a liberdade de ser, realizar, conquistar.*

*O Dia da Mulher é a celebração  
das suas conquistas sociais,  
políticas, econômicas ao longo de tantos anos*

*É caminho sem volta!*

*Este dia marcado por homenagens com flores,  
poemas, felicitações, reconhecimento  
pela coragem, persistência,  
cumplicidade, humanidade da mulher.*

*Mas, é marcado também por protestos e  
repúdio contra a realidade cruel  
da violência contra a mulher,  
dos preconceitos, da discriminação,  
do assédio, da desigualdade no lar,  
no trabalho e na sociedade e  
pelo feminicídio que nos persegue.*

*O caminho em direção à igualdade de gênero,  
direitos e oportunidades iguais  
ainda é longo para as mulheres,  
mas continuaremos juntos nessa marcha.  
Avante, companheiras!*

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS VIGILANTES - CNTV

A data, e dedicada às lutas e conquistas femininas na sociedade, com causas que abrangem, por exemplo, igualdade de direitos, respeito e maior conscientização.

A mulher Vigilante possui inúmeras atribuições, ela é ao mesmo tempo profissional, mãe, dona de casa, esposa, e conciliar tudo isso em 24 horas não é uma tarefa fácil.

Apesar de o Brasil ser considerado um dos países mais desiguais do mundo em questões de gênero, as profissionais da área de Segurança Patrimonial Privada tem avançado em um espaço que antes era majoritariamente

masculino. Hoje, as Vigilantes Femininas não atuam apenas nas bases, estão nas supervisões, nos sindicatos, nas confederações, nas federações, etc.

Somos referência para muitas mulheres correrem atrás de seus sonhos. Nenhum direito foi dado a nós mulheres. Tudo foi conquistado com muita luta. E hoje, especialmente dia 8 de março a palavra de ordem é: desistir jamais.

**Feliz Dia Internacional da Mulher!**

Maura Alves de Miranda Feitosa

Secretaria de Mulheres CNTV

**ÀS MULHERES**

**TUDO O NOSSO CARINHO, RESPEITO E HOMENAGEM PELA LUTA**



Quando pensamos em destacar certas MULHERES GUERREIRAS como exemplos, espelhos da luta, resistência e firmeza, somos obrigados por um dever de justiça, a nos curvar, homenagear a todas. Cada mulher, quando exerce seu papel de "leoa" defendendo sua cria, iguala-se, nivela-se a todas as outras guerreiras que a história nos brindou (Dandaras, Marias da Penha, Marias Bonitas, Marieles, etc.) Vocês são indispensáveis, geram vidas e transformam o mundo. Simplesmente, essenciais!  
**VIVA AS MULHERES**  
Jose Boaventura  
Presidente da  
**CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS VIGILANTES - CNTV**



**Feliz dia  
da mulher**

Hoje é dia de celebrar a força, coragem e determinação de todas as mulheres!  
Em especial a minha categoria, as nossas guerreiras "vigilantes".  
**Mônica Lopes**

Você sabia?  
O mundo se torna  
tão maravilhoso por  
sua causa!

Dia da Mulher - 8 de março

**Sindesv-PE**

*Diretora Adriana*

# Para discutir situação das mulheres, Vigilante realiza live quarta-feira (8) com Flávia Biroli



adotadas para ajudar a enfrentar e resolver esse problema.

Flávia Biroli é doutora em História pela Unicamp e professora do Instituto de Ciência Política da UnB. Ela foi presidente da Associação Brasileira de Ciência Política (2018-2020) e integrou os grupos internacionais de especialistas que prepararam os relatórios da Commission on the Status of Women da ONU (2019 e 2020). Além disso, pesquisadora sênior do Observatório Nacional da Mulher na Política, da Câmara dos Deputados.

Fonte: ASSESSORIA CHICO VIGILANTE

O deputado distrital Chico Vigilante (PT) realizará na próxima quarta-feira (8) – data em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, – em suas redes sociais, uma live com a cientista política, historiadora e professora Flávia Biroli sobre a condição das mulheres e o aumento do número de crimes contra as mulheres no País nos últimos anos, principalmente os feminicídios. A live, que será transmitida em todos os canais de comunicação do deputado, será iniciada às 17h e abordará, em especial, os casos observados no Distrito Federal e possíveis iniciativas a serem



# O Dia da Mulher não vale nada se não houver respeito da Segurança Privada

**Dia Internacional da Mulher**



**8 de março**



O mundo comemora nesta quarta-feira, 8 de março, mais um Dia Internacional da Mulher.

A data é importante porque leva à reflexão sobre as lutas e conquistas das mulheres, principalmente por igualdade e respeito ao longo da história.

Mas há tempos o respeito à mulher passa longe da Segurança Privada.

Diferentemente de outros segmentos profissionais, no setor de vigilância homens e mulheres se equivalem em direitos e salários. Méritos da Convenção Coletiva da categoria, claro.

Mas sobram denúncias de assédio moral e sexual por parte de colegas de trabalho, supervisores, empregadores e até de tomadores de serviço.

Começa pelos postos inadequados para que a mulher exerça seu trabalho com dignidade. Muitas vezes sem o mínimo de estrutura como água ou banheiro.

Passa pelas situações em que o colega ou supervisor faz piadas incômodas, constrangedoras, de cunho sexual e avança para o extremo com ameaças, ofensas e agressões físicas ou psicológicas.

E descamba de vez quando uma vigilante está gestante.

Daí, na visão de contratantes e prestadores de serviço, ela deixa de dar lucro e se torna um estorvo.

As empresas a jogam de um lado para outro, muitas vezes mandam para postos perigosos, insalubres e longe de casa, para forçar um pedido de demissão.

A realidade é que no momento em que mais precisa, quando deveria ser transferida para um posto mais próximo de casa, seguro, desarmado, sem necessidade de colete à prova de balas para não apertar a barriga, ela não tem essa garantia.

O respeito à vigilante tem que ser uma bandeira de cada um de nós.

Essa consciência precisa nascer - antes de tudo - dentro dos sindicatos, com garantias previstas em Convenção Coletiva, para que sejam cumpridas por funcionários, tomadores de serviços e terceirizadas.

Discurso bonito não adianta nada.

**RESPEITO ÀS VIGILANTES!**

Tratá-las com dignidade, garantindo sua segurança e bem estar é o mínimo que empresários, sindicatos, tomadores de serviço e vigilantes podem fazer.

Melhor do que oferecer flores, presentes ou qualquer homenagem inútil.

**FONTE: Amaro Pereira é diretor da CNTV e presidente do Sindicato dos Vigilantes de Barueri**

# Mulheres chefiam 50,8% dos lares, mas ganham menos e sofrem mais com desemprego

**Boletim Especial do Dieese mostra que trabalhadoras nada têm a comemorar nesse 8 de março, Dia Internacional da Mulher. As mulheres também lideram a taxa de desemprego, desalento e subutilização**



A maioria dos domicílios no Brasil é chefiada por mulheres, mas elas lideram as taxas de desemprego, desalento e ganham menos que os homens e, portanto, também em relação ao mercado de trabalho elas não têm nada a comemorar no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, revela o Boletim Especial 8 de Março, Dia da Mulher, divulgado, nesta segunda-feira (6), pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), revelou que dos 75 milhões de lares do país, 50,8% tinham liderança feminina, o correspondente a 38,1 milhões de famílias. Já as famílias com chefia masculina somaram 36,9 milhões. As mulheres negras lideravam 21,5 milhões de lares (56,5%) e as não negras, 16,6 milhões (43,5%), no 3º trimestre de 2022.

As dificuldades das mulheres chefes de família no mercado de trabalho, entre elas a falta de equidade de gênero, são muitas, mostram os dados do Boletim.

Do total da força de trabalho no Brasil, 44,0% eram mulheres, grupo que lidera a taxa de desemprego com 11,0% contra 6,9% dos homens, segundo

O boletim mostra ainda que, do total de pessoas fora da força de trabalho, 64,5% eram mulheres. Desse percentual, 5,7% delas estavam em situação de desalento – quando a pessoa quer trabalhar, está disponível, mas acredita que não vai encontrar uma vaga. Do total de desalentados, 55,5% eram mulheres.

Do total de mulheres ocupadas, a proporção de subocupadas, ou seja, que trabalharam

menos de 40 horas, mas gostariam de trabalhar mais, foi superior à dos homens: 7,8% delas estavam nessa condição, enquanto entre os homens, o percentual ficou em 5,1%.

Entre as trabalhadoras negras, a situação é pior: o percentual de trabalhadoras negras subocupadas foi 9,3% maior do que o registrado entre as não negras, que ficou em 6,1%.

Com taxas maiores de desalento, desocupação e subocupação, a subutilização das mulheres foi de 25,3%, enquanto para os homens, estava na casa de 15,9%. Entre as negras, a taxa ficou em 30,2% e, entre as não negras, em 19,2%.

As mulheres também ganharam, em média, 21% a menos do que os homens - o equivalente a R\$ 2.305 para elas e a R\$ 2.909 para eles.

Por setor de atividades, mesmo quando as mulheres eram a maioria, elas recebiam menos, em média.

Nos serviços domésticos, as trabalhadoras representavam cerca de 91% dos ocupados e o salário foi 20% menor do que o dos homens.

No grupamento educação, saúde e serviços sociais, elas totalizaram 75% dos ocupados e tinham rendimentos médios 32% menores do que os recebidos pelos homens.

A análise da renda das chefes de família no mercado de trabalho apontou que, em média, 75,5% da fonte de renda das famílias eram oriundas do trabalho; 18,2% de aposentadoria e pensão; e 2,6%, de benefícios e programas sociais.

Para o conjunto das famílias que receberam até 1/2 salário mínimo, 71,1% eram rendimentos do trabalho; 13,8%, de aposentadoria e pensão; e 12,0%, de programas e benefícios governamentais.

De acordo com o Boletim do Dieese, cresceu o número de arranjos de casais sem filhos, núcleos unipessoais e famílias monoparentais com filhos ou parentes. Houve queda nos arranjos de casal com filhos, que passou de 43,8% para 40,2%, entre os 3º trimestres de 2019 e de 2022. Os casais sem filhos saíram de 18,3% para 19,0% nesse mesmo período.

Os arranjos unipessoais masculinos e femininos representaram 9,1% e 7,4%, respectivamente, no 3º trimestre de 2022, superiores aos percentuais de 2019 (8,1% para os homens e 7,0%, para as mulheres).

As famílias monoparentais com filhos e chefia

feminina representaram cerca de 14,7% dos arranjos – muito mais comuns do que aquelas com chefia masculina, que representavam 2,3% em 2022.

Entre as chefes femininas, 34,2% eram de arranjos familiares com filhos, 29,0% de famílias monoparentais com filhos, 14,6% de casais sem filhos e 14,6% de famílias unipessoais, no 3º trimestre de 2022.

Em termos de renda média do trabalho da família, na média, os domicílios de casais com e sem filho receberam os maiores valores (R\$ 4.987 e R\$ 4.898, respectivamente), no 3º trimestre de 2022.

Os menores valores foram registrados entre os domicílios monoparentais com chefia feminina (R\$ 2.833) e unipessoais femininos (R\$ 2.913).

A renda das famílias negras foi sempre menor que a das não negras, independentemente do arranjo familiar. No caso das famílias chefiadas por mulheres negras com filhos, a renda média foi de R\$ 2.362,00.

Em termos de renda do trabalho per capita, foi nos domicílios monoparentais chefiados por mulheres com filhos que se observou a menor renda: R\$ 789, pouco mais do que meio salário mínimo por pessoa. No arranjo monoparental com filhos e chefia masculina, o valor per capita foi de R\$ 1.198. A renda per capita média dos domicílios no 3º trimestre de 2022 foi de R\$ 1.336 e nos lares com chefes mulheres foi equivalente a cerca de 71,6% do recebido nos domicílios liderados por homens.

A participação da renda feminina do trabalho representou, em média, 37,0% da renda do trabalho do domicílio, no 3º trimestre de 2022, resultado semelhante ao do mesmo período em 2019. Quando se analisa por raça/cor, o rendimento da mulher foi de 38,2% da renda total do trabalho nas famílias chefiadas por pessoas não negras e de 36,0% entre as famílias lideradas por pessoas negras.

Nos lares com chefia feminina, no 3º trimestre de 2022, recebiam até 2 salários mínimos 63,9% das famílias lideradas por negras e 43,7% por não negras. A desigualdade de gênero e raça/cor no mercado de trabalho afeta intensamente a qualidade de vida de todos os membros das famílias e impõe, muitas vezes, a necessidade da inserção precária de filhos e outros parentes, para compor a renda familiar.

## **As mulheres chefes de família monoparental com filhos**

Os arranjos mais vulneráveis são os da chefia feminina com filhos sem cônjuge, principalmente porque a renda do trabalho do domicílio e a renda per capita foram as menores entre os arranjos analisados. No 3º trimestre de 2022, esse tipo de arranjo somou 11,053 milhões de famílias, 61,7% chefiadas por negras (equivalente a 6,8 milhões) e 38,3%, por não negras (que representavam 4,2 milhões).

Entre as famílias chefiadas por negras, 43,9% das mulheres estavam fora do mercado de trabalho, quase 3 milhões de pessoas, e, entre as lideradas por não negras, a proporção era semelhante, 44,2%, ou 1,9 milhão de mulheres, no 3º trimestre de 2022. A taxa de desocupação das chefes negras foi de 13,0% e das não negras, de 8,8%, repetindo padrão do conjunto de mulheres no mercado de trabalho, quer dizer, as negras sempre têm taxa de desemprego maior. No período analisado, eram 498 mil mulheres chefes negras e 207 mil não negras.

Entre as ocupadas, uma em cada quatro (25,3%) mulheres chefes de família negras eram empregadas domésticas; 16,6% estavam nos setores de educação, saúde humana e serviços sociais; e 15,1% no comércio. Entre as não negras, 22,3% trabalhavam em educação, saúde humana e serviços sociais; 17,5%, no comércio; e 15,8%, nos serviços domésticos.

A posição na ocupação comprova a vulnerabilidade dessas chefes de família. Do total de chefes negras, 20,6% são trabalhadoras domésticas sem carteira; 15,1% trabalhavam sem carteira no setor público ou privado; e 17,6% eram autônomas sem CNPJ. Ou seja, mais da metade dessas mulheres não tem acesso a nenhum benefício trabalhista (53,3%). Entre as não negras, essa proporção era menor: 41,0%. Dessas, 11,9% eram domésticas sem carteira; 8,9% estavam no setor privado sem contrato assinado; 2,8% no setor público também sem carteira; e 17,4% eram autônomas sem CNPJ.

Em termos de rendimento, 22,4% das famílias monoparentais chefiadas por mulheres não tinham rendimento do trabalho; 25,6% ganhavam até 1 salário mínimo; e 22,3%, entre 1 e 2 salários. A proporção de famílias chefiadas por negras que ganhavam 1 salário mínimo ou menos foi de 53,7%, enquanto ficou em

38,8% entre as lideradas por não negras, no 3º trimestre de 2022.

O rendimento médio do trabalho no 3º trimestre de 2022 ficou em R\$ 3.922 para as famílias lideradas por não negras e em R\$ 2.468, para as chefes negras. No caso das mulheres que estavam no trabalho doméstico (com e sem carteira), os valores foram de R\$ 2.144 para as não negras e de R\$ 1.720 para as negras. Entre as domésticas sem carteira, as negras ganharam R\$ 1.541 e as não negras, R\$ 1.883.

De acordo com o Dieese, “os indicadores mostraram o que se vivencia na prática: um contingente de mulheres que ganha menos se insere de forma precária e leva mais tempo em busca de colocação no mercado de trabalho”.

“Esse quadro”, prossegue o Dieese, “faz com seja perpetuada a situação de vulnerabilidade não só da mulher chefe de família, mas de todos os familiares, com a transferência de milhares de crianças e jovens da escola para o mercado de trabalho, para que contribuam com a renda da família”.

Os técnicos do Dieese ressaltam que “os últimos anos foram de retrocessos no país, devido à falta de investimentos e políticas capazes de garantir emprego, saúde e até mesmo a vida das mulheres. O caminho para uma sociedade mais justa e com igualdade de gênero parece ter ficado ainda mais longo. A desigualdade de gênero no mercado de trabalho reproduz e reafirma esse desequilíbrio já existente em todas as esferas da sociedade, sob a forma do machismo”.

“A partir dos papéis atribuídos a homens e mulheres, negros e negras, desenham-se as desigualdades e as relações de poder, seja econômico, sexual ou político. E o caminho para a mudança passa por refazer pactos, reforçar políticas transversais de igualdade de gênero, garantir igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, reduzir a desigualdade econômica e aumentar o número de mulheres em posição de liderança, entre outras ações. É preciso que o país cresça e gere renda e emprego de qualidade, mas é necessário também enfrentar as desigualdades de gênero e raça/cor e que as mulheres tenham mais voz na sociedade, via negociação coletiva e políticas públicas”, conclui o Boletim do Dieese.

FONTE: Redação CUT

# Violência matou mais de uma mulher por dia em 2022, diz estudo

**Segundo levantamento feito com base em dados da Rede de Observatórios de Segurança, 495 mulheres foram assassinadas no ano**



Um levantamento publicado nesta segunda-feira (6), mostra o crescimento da violência contra a mulher brasileira nos últimos anos. Realizado em sete estados, o estudo “Elas Vivem: dados que não se calam”, baseado em dados Rede de Observatórios da Segurança, aponta que a cada dia do ano passado houve pelo menos uma morte por feminicídio nesses estados.

Ao todo, 495 mulheres foram assassinadas e 2.423 foram vítimas de violência na Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo. A cada quatro horas, uma mulher desses estados sofreu algum tipo de violência.

Na maior parte dos casos - 75% - o agressor é o próprio companheiro da vítima ou os ex-companheiros.

## **Ranking da violência**

De acordo com o estudo, o estado de São Paulo lidera o número de casos. Foram 898 vítimas de algum tipo de violência, uma a cada dez horas. Pernambuco aparece em segundo lugar, com um total de 225 casos de violência. O estado também é líder em assassinatos de pessoas trans.

Já a Bahia lidera no número de mortes, com um total de 91 assassinatos de mulheres. No Rio de Janeiro, o número de casos aumentou 45% em relação ao ano anterior. O levantamento mostra um caso de violência a cada 17 horas.

Veja os totais de casos de violência, que incluem as agressões e os assassinatos:

- São Paulo: 898 casos (58%)
- Rio de Janeiro: 545 casos (22%)
- Bahia: 316 (13%)
- Pernambuco: 225 casos (9%)
- Maranhão: 165 casos (6%)
- Ceará: 161 casos (6%)
- Piauí: 113 (4%)

## **Quem é o agressor**

Na maior parte dos registros localizados nos sete estados, o agressor é o companheiro ou ex-companheiro das vítimas. São eles os responsáveis por 75% dos casos de feminicídio. As principais motivações são brigas e término de relacionamento. Mas tem outros familiares listados como agressores, entre eles, os irmãos.

## **Formas de violência contra a mulher**

O estudo mostrou que a agressão física foi a causa de 987 dos casos de violência contra a mulher, ou seja, a maior parte. Outros 282 casos se deram por meio de violência sexual e estupro, 216 foram violência verbal e 145 por cárcere privado e tortura.

As diversas faces da violência incluem, além das agressões físicas, praticadas na grande maioria das vezes por seus parceiros, a violência psicológica como o assédio moral, a violência dada pela discriminação e pela desigualdade nos mais diversos espaços, inclusive o mercado de trabalho e pela violência patrimonial, situação em que agressor age para violar a independência da mulher.



## **Outro estudo**

Uma outra pesquisa, realizada pelo Datafolha e pelo Fórum Nacional de Segurança Pública mostra que, em todo o Brasil, 699 mulheres morreram vítimas de feminicídio somente no primeiro semestre de 2022.

O índice é 10,8% maior que no mesmo período de 2019, primeiro ano da gestão de Jair Bolsonaro (PL)

## **Dia 8 de Março, dia de alertar contra essa violência**

No Dia Internacional da Mulher, em 8 de março, a CUT, centrais e movimentos de mulheres farão atos em diversas cidades do país. Veja abaixo a relação de locais.

Além disso, o governo federal, por meio do Ministério da Mulher, deverá lançar um conjunto de medidas de proteção à mulher que envolverá todos os ministérios e que se refere à luta contra a violência e pela igualdade de gêneros em todos os espaços da sociedade, inclusive o mercado de trabalho. O evento está previsto para às 11h, no Palácio do Planalto, com a presença de ministros e várias lideranças femininas.

## **Confira os atos do dia 8 de março em todo o país:**

### **Alagoas:**

Maceió: Concentração para o ato na Praça Centenário, às 15h.

### **Bahia:**

Salvador: caminhada da Lapinha ao Pelourinho (trajeto 2 de Julho). Tema será “Mulheres insubmissas protagonistas da democracia”

### **Ceará:**

Fortaleza: ato na Praça do Ferreira a partir das 14h. às 16h haverá caminhada e panfletagem. O tema é “Pela vida das mulheres! Democracia, territórios e direitos: Contra a fome, a violência, o racismo e sem anistia para golpistas.

### **Distrito Federal**

Brasília: Marcha com concentração no Eixo Cultural Íbero-americano (antiga Funarte), às 16h. De lá, as mulheres seguem até o Palácio do Buriti, para exigir do GDF políticas de enfrentamento à violência de gênero.

## **Espírito Santo**

Vitória: Concentração às 14h na Praça Hetúlio Vargas. Haverá caminhada até o Palácio Anchieta

### **Mato Grosso do Sul:**

Campo Grande - Ato às 8h na Praça Ari Coelho. O tema é “Mulheres em Resistência, Sempre Vivas e contra todas as Formas de Violência”.

### **Minas Gerais**

Belo Horizonte: ato a partir das 16h, na Praça Liberdade. Caminhada às 17h pelas ruas da cidade.

### **Paraná**

Curitiba: Marcha das Mulheres, com concentração a partir das 16h na Praça Santos Andrade. Às 18h, acontecerá um ato da Frente Feminista de Curitiba, Região Metropolitana e Litoral. Às 19h, ocorrerá a Marcha das Mulheres e seguirá em caminhada até a Boca Maldita para o ato de encerramento

Londrina: ato a partir das 17h30 no Calçadão em frente às Lojas Pernambucanas

### **Pernambuco**

Recife: concentração no Parque 13 de maio, às 14h. Caminhada às 16h seguindo pela Rua do Hospício, passando pela Av. Conde da Boa Vista e Rua da Aurora; indo até a ponte Princesa Isabel.

### **Rio Grande do Sul**

Porto Alegre: a marcha será realizada às 17h, com concentração na Praça Matriz a partir das 14h. Ao longo do dia outras atividades também serão realizadas, inclusive uma audiência com o governador Eduardo Leite (PSDB)

### **São Paulo**

Capital: ato às 17h no Vão Livre do Masp, na Avenida Paulista. “Mulheres em defesa da Democracia” será a bandeira levada às ruas. Antes, às 15h, haverá atividade no Espaço Cultural Lélia Abramo, na Rua Carlos Sampaio, 305 (próximo à Paulista).

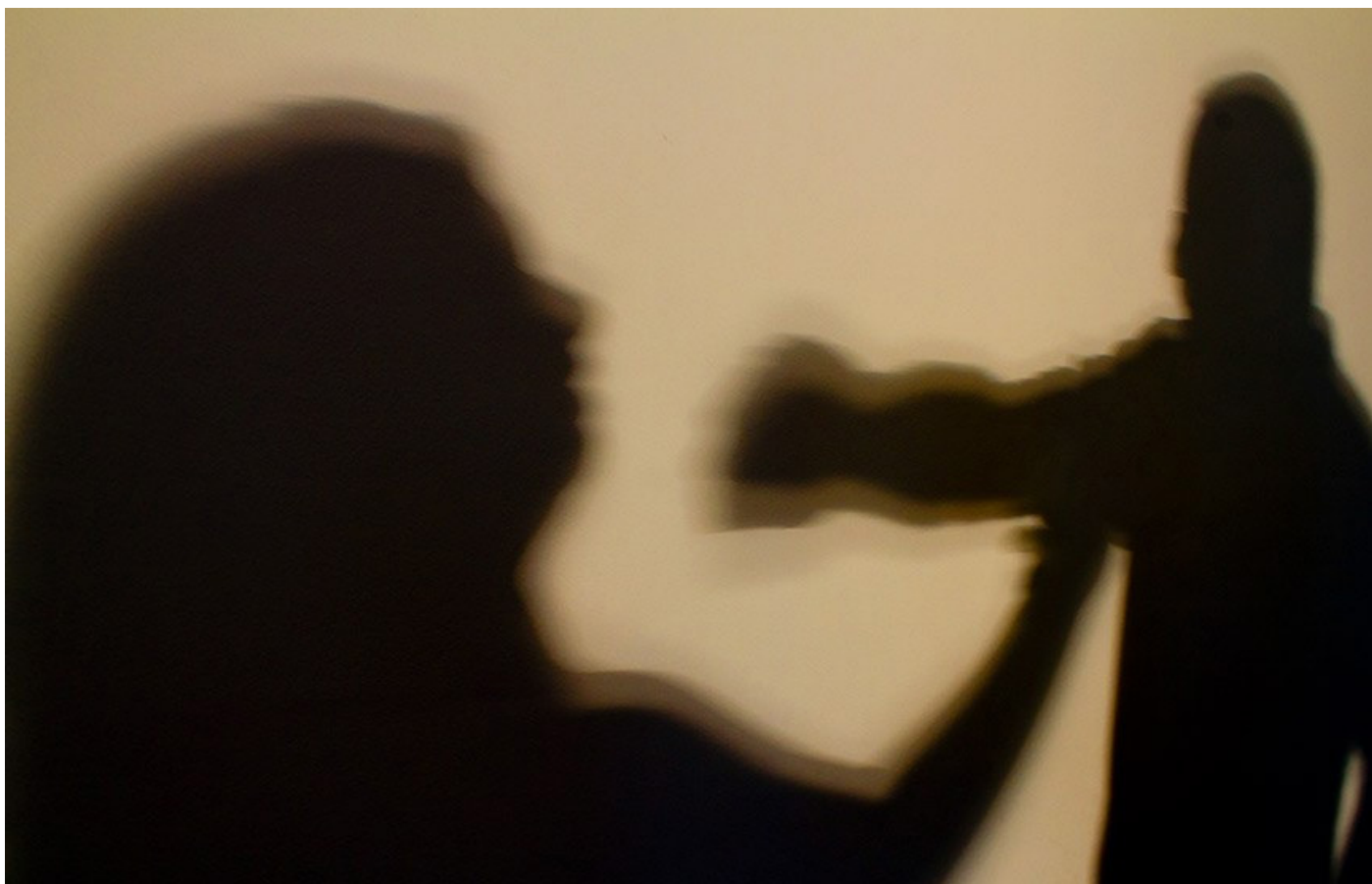
### **Sergipe:**

Aracaju: concentração com café da manhã, a partir das 7h, na Praça General Valadão. Haverá caminhada pelas ruas da cidade, além de panfletagem e diálogo com a população. Estão previstas apresentações culturais do Grupo Folclórico do Sintese e de mulheres artistas de Sergipe na Praça General Valadão.

**FONTE: Redação CUT/Texto: André Accarini |  
Editado por: Marize Muniz**

# Projeto permite saque de FGTS por mulher vítima de violência

Da Agência Senado  
Marcos Santos/USP Imagens



Foi apresentado nesta semana ao Senado o projeto de lei (PL 807/2023) que permite o saque do FGTS por trabalhadoras vítimas de violência doméstica.

De autoria da senadora Jussara Lima (PSD-PI), o projeto altera a Lei 8.036, de 1990, para determinar que a mulher em situação de vulnerabilidade em razão de violência doméstica, física ou psicológica, possa movimentar livremente sua conta no fundo de garantia.

“É do conhecimento de todos o descompasso patriarcal que vitima diariamente um sem-número de mulheres acometidas por violência. Em seus próprios lares, no seio de suas próprias

famílias, mulheres sofrem a dor da agressão e do constrangimento. Muitas sofrem caladas; outras denunciam seus algozes, sem que isso, contudo, traga-lhes a paz e a estabilidade necessárias”, argumenta a senadora na justificativa do projeto.

O direito ao saque só será concedido para a trabalhadora que tenha recebido, nos últimos três meses, o benefício temporário previsto na Lei Orgânica de Assistência Social (Lei 8.742, de 1993) para mulheres em situação de vulnerabilidade em virtude de violência doméstica.

Fonte: Agência Senado

# Mulheres são 44% da força de trabalho, mas 55% dos desempregados. E ganham 21% a menos do que os homens

**Elas ainda têm maiores taxas de subocupação e desalento. Dados pioram quando se trata de trabalhadoras negras**

Reprodução



O mercado de trabalho brasileiro segue mostrando distorções entre homens e mulheres. Elas são minoria na força de trabalho, mas maioria entre os desempregados, por exemplo. Também têm maiores taxas de subocupação e de desalento. E ganham, em média, 21% a menos do que os homens. Os dados foram divulgados pelo Dieese às vésperas do Dia Internacional da Mulher, celebrado nesta quarta-feira (8).

De acordo com o boletim, no terceiro trimestre do ano passado as mulheres representavam 44% da força de trabalho, mas eram 55,5% dos desempregados no país. A taxa de desemprego era de 6,9% para os homens e subia a 11% no caso das mulheres. Esses dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do IBGE. Eram 5,3 milhões de desempregadas, sendo 3,4 milhões negras.

## **Fora do mercado e desalentadas**

Além disso, do total de pessoas fora da força de trabalho, quase dois terços (64,5%) eram mulheres. Elas também representam mais

Expediente:

Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV

Presidente da CNTV: José Boaventura Santos

Secretário de Imprensa e Divulgação: Geraldo da Silva Cruz

Colaboração: Jacqueline Barbosa

Diagramação: Aníbal Bispo

da metade (55%) dos desalentados, que são aqueles que desistiram de procurar vaga. De 2,3 milhões de desalentadas, havia 1,6 milhão de negras.

Além disso, as subocupadas, mulheres que fizeram jornada menor que 40 horas semanais, mas precisariam trabalhar mais, representavam 7,8% do total, ante 5,1% dos homens. Com isso, a taxa de subutilização chegou a 25,3%, bem acima da masculina (15,9%). A diferença também é grande no recorte por raça: 30,2% entre as negras e 19,2% para as não negras.

Ainda segundo os dados da Pnad Contínua reunidos pelo Dieese, enquanto as mulheres ganhavam em média R\$ 2.305, o salário dos homens era de R\$ 2.909, ou seja, 21% a menos. Essa diferença persiste mesmo em setores onde as mulheres são maioria, como o doméstico: 91% de mulheres, mas salários 20% menores.

“Quando se olha por cor, a renda das famílias negras foi sempre menor que a das não negras, independentemente do arranjo familiar”, diz o Dieese. “No caso das famílias chefiadas por mulheres negras com filhos, a renda média foi de R\$ 2.362,00.” Já entre casais com filhos, a renda média é de R\$ 6.587 para os não negros e de R\$ 3.767 para negros (-42,8%).

A maioria dos domicílios no Brasil é chefiada por mulheres, informa ainda o Dieese. “Dos 75 milhões de lares, 50,8% tinham liderança feminina, o que correspondente a 38,1 milhões de famílias.”

**FONTE: Redação RBA**

www.cntv.org.br  
cntv@terra.com.br  
(61) 3321-1658

SDS - Edifício Venâncio Junior,  
Térreo, lojas 09-11  
73300-000 Brasília-DF